

PRÁTICAS INVESTIGATIVAS NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS MASCULINIDADES E PRÁTICAS ESPACIAIS DE HOMENS GAYS PRETOS¹

Gustavo Henrique Pereira da Silva

orcid.org/0000-0001-9047-8830
Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)
E-mail: gusta255@hotmail.com

DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7284

Resumo

O presente texto é resultado das reflexões realizadas no âmbito da disciplina de “Metodologias de Pesquisa Qualitativa para Geografia” e procura realizar uma aproximação com a discussão das masculinidades dos homens gays pretos e suas práticas espaciais de consumo e lazer nas cidades, principalmente aquelas de pequeno e médio porte, que em grande parte não dispõem de espaços majoritariamente frequentados por esses sujeitos, uma vez que, mesmo nas cidades grandes poucas são as experiências que enfocam esse público. Visto a dimensão qualitativa e social do trabalho é destacado também as contribuições das metodologias qualitativas para a Geografia e suas potencialidades para as práticas investigativas quem tem como objeto científico os sujeitos sociais.

Palavras-chave: Masculinidades; Homens gays pretos; Objeto Científico.

RESEARCH PRACTICES IN GEOGRAPHIC SCIENCE: CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF MASCULINITY AND SPATIAL PRACTICES OF BLACK GAY MEN

Abstract

The present text is the result of the reflections made within the discipline of "Metodologias de Pesquisa Qualitativa para Geografia" and seeks to approach the discussion of the masculinity of black gay men and their spatial practices of consumption and leisure in the cities, especially those of small and medium size, which largely do not have spaces predominantly frequented by these subjects, since, even in the large cities few are the experiences that focus on this public. Since the qualitative and social dimension of the work is also highlighted the contributions of qualitative methodologies for the geography and its potentialities for the investigative practices who have as scientific object the social subjects.

Key words: Masculinities; Black gay men; Scientific object.

PRÁCTICAS DE INVESTIGACIONES EN CIENCIAS GEOGRAFICAS: CONTRIBUCIONES AL ESTUDIO DE MASCULINIDAD Y PRACTICAS ESPACIALES DE HOMBRES GAY NEGROS

¹ O presente trabalho alicerça-se em reflexões pessoais e contribuições suscitadas pela disciplina de “Metodologias de Pesquisa Qualitativa para Geografia” ministrada pelo docente Nécio Turra Neto no programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Campus de Presidente Prudente. Nesse sentido, empregou-se no texto a primeira pessoa do singular na linguagem científica.

Resumen

El presente texto es el resultado de las reflexiones realizadas en el contexto de la disciplina de "Metodologías de Pesquisa Qualitativa para Geografia" y busca abordar la discusión sobre la masculinidad de los hombres gay negros y sus prácticas espaciales de consumo y ocio en las ciudades, especialmente las de pequeño y mediano tamaño, que en su mayoría no tienen espacios mayormente frecuentados por estos sujetos, ya que incluso en las grandes ciudades hay pocas experiencias que se centren en este público. Teniendo en cuenta la dimensión cualitativa y social del trabajo, también se destaca las contribuciones de metodologías cualitativas para la geografía y sus potencialidades para las prácticas de investigación cuyo objeto científico son los sujetos sociales.

Palabras-clave: Masculinidades; Hombres gay negros; Objeto científico.

Introdução

A construção do objeto científico se coloca como um desafio para o pesquisador dentro de sua trajetória acadêmica, surgem questões como, qual o caminho a seguir? Quais metodologias devem ser acionadas para analisar determinado objeto?

O presente texto é resultado das discussões que foram realizadas na disciplina de "Metodologias de Pesquisa Qualitativa para Geografia", a partir de inquietações que foram suscitadas e o entendimento das masculinidades e das práticas espaciais por parte de homens gays pretos.

Participar desta disciplina e dos debates suscitados foi um desafio, pois dentro da minha trajetória acadêmica vinha me dedicando a temas mais gerais e direcionados à geografia física, que de maneira geral apresenta um caráter mais impessoal na relação com o objeto científico. No entanto, me vi provocado pelas potencialidades que os procedimentos de cunho qualitativo podem ter na ciência geográfica. Turra Neto (2012) destaca que há uma carência acerca do debate metodológico no campo de pesquisa qualitativo em Geografia, dialogando então com outras áreas do conhecimento, como a Antropologia; Sociologia; História oral etc.

Deste modo, ao pensar uma Geografia que tem o sujeito como seu objeto, é imprescindível não se ater a realidade vivida pelas pessoas e para além disso se questionar, quem são esses sujeitos, o que falam e de onde falam.

Surge então o desafio de refletir sobre a melhor estratégia a ser acionada, que permitirá ao pesquisador responder de maneira satisfatória os questionamentos elaborados e os objetivos que foram delimitados. Dentro da disciplina foram apresentados um conjunto de procedimentos de caráter qualitativo: história oral; observação participante; entrevistas;

grupo focal; netnografia; cartografia social; pesquisa-ação; análise do discurso e do conteúdo. Na pesquisa qualitativa são acionadas estratégias

[...] que produzem dados chamados qualitativos, o que significa que são informações ricas em pormenores descritivos, relativamente a pessoas, lugares, acontecimentos, registros orais de depoimentos, histórias de vida etc. e que oferecem complexo tratamento – de difícil sistematização. Informações que não são próprias para um tratamento estatístico, por exemplo, em que vale mais a imaginação, a habilidade e destreza interpretativa do pesquisador (TURRA NETO, 2012, p.4).

Tais metodologias podem permitir a exploração da cultura, do objeto científico construído e possibilitar uma “descrição densa” da realidade estudada (GEERTZ, 2013)². Geertz (2013) a partir da Antropologia e do método etnográfico apresenta a descrição densa não apenas como uma descrição dos fatos ou da realidade, mas uma análise preocupada com os significados e com a captação dos sentidos que são constituídos socialmente.

Acerca da escrita científica, destaco a ideia da escrita como um devir, onde nada é estático, tudo passa a ter movimento, desde o pesquisador, o sujeito, os conceitos, ou seja, esse movimento é resultado de como a teoria e os sujeitos se afetam e são afetados mutuamente (MEJIA, 2015), a relação de troca entre pesquisador e pesquisado acontece em todas as etapas da pesquisa.

A partir disso, passei a me questionar, qual estratégia metodológica poderia responder satisfatoriamente quanto a produção de informações (TURRA NETO, 2012) e auxiliar na compreensão das práticas espaciais de homens gays pretos e na construção de suas masculinidades, isso em meio a hegemonia da heteronormatividade do homem branco.

A cultura, o objeto, metodologias e o pesquisador

Geertz (2013) estudou a cultura a partir de significados, para o autor, cultura seria uma teia de significados. A análise dessa teia também seria cultura e a missão do etnógrafo seria desvendar os significados, estabelecendo relações entre si.

Para Geertz (2013), o conceito de cultura é essencialmente semiótico,

acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise [...], como uma ciência interpretativa, à procura do significado (2013, p. 4).

² É muito comum nas ciências sociais o questionamento sobre a definição de cultura, ou o que seja cultura. Clifford Geertz, importante antropólogo estadunidense, baseou sua conceituação de cultura nos escritos de Max Weber.

Geertz (2013) considera a cultura, um sistema semiótico de signos entrelaçados e interpretáveis,

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2013, p. 10).

A antropologia proposta por Geertz pressupõe a partir da análise do método etnográfico o estudo da cultura, de forma minuciosa, caracterizada pela riqueza na produção de informações e detalhes. Nessa abordagem, a cultura seria analisada e explicada a partir de um conjunto de estratégias que são trabalhadas e retrabalhadas continuamente e de modo sistemático (GEERTZ, 2013). A cultura seria acessada através da etnografia, que faz uma descrição densa, do comportamento manifesto, visto que cada comportamento é um ato de comunicação e, portanto, tem significado.

A partir disso, referindo-se a construção do objeto científico, Marre (1991, p.10) diz que “[...] raramente um processo ou um objeto de estudo é escolhido por si e em si mesmo, isolado de qualquer sistema de valores”, ou seja, essa escolha está relacionada aos valores que são elencados pelo pesquisador, podendo também adquirir valor para outros indivíduos que reconheçam a importância da pesquisa.

Portanto, o objeto científico é construído no decorrer da pesquisa e não *à priori*, pois ao lidar com o sujeito, não estamos lidando com um objeto estático. Todo o conhecimento é situado, resultado de escolhas teóricas e metodológicas, de posicionamento (MARRE, 1991; HARAWAY, 1995), da subjetividade que há em qualquer ser social, portanto, o conhecimento, as respostas obtidas, são sempre um discurso possível do objeto pesquisado (MARRE, 1991).

Baseado nas concepções apresentadas por Marre (1991), destaco que o interesse pelo tema proposto se deu com as impressões e inquietações que tive, enquanto homem gay preto, nas diferentes cidades de porte médio e pequenas do interior do estado de São Paulo que visitei e a falta de espaços de sociabilização, consumo e ofertas de diversão voltados para homens gays pretos.

Parecia-me que tais sujeitos não usufruíam da cidade e não manifestavam suas identidades, não via nesses espaços práticas de lazer, consumo por parte desses homens,

como acontecia em cidades grandes, como por exemplo São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro, em festas como a *Batekoo*, ou mesmo outros espaços de encontro, mesmo que de forma ainda localizada.

Nesse sentido, Ratts (2007) argumenta, que nas grandes cidades brasileiras têm locais com predominância de gays e lésbicas, no entanto, não há locais LGBTQTT frequentados majoritariamente por pessoas negras, sendo que experiências como as da *Batekoo* e demais eventos direcionados para esse público são recentes e recaem na necessidade de atingir uma população socialmente excluída.

A identificação com o tema e as inquietações geradas me levaram a procurar compreender o porquê isso ocorre e a pensar em metodologias de pesquisa que pudessem ser acionadas na busca e produção de informações. Isso se coloca como um desafio, pois conforme salienta Ribeiro (1999), a realidade é imprevisível, ou seja, por mais que o pesquisador crie estratégias de pesquisa que anteceda sua ida ao campo, novas estratégias também podem ser desenvolvidas no processo, outros rumos podem ser tomados, demonstrando a complexidade das pesquisas sociais.

Nas pesquisas sociais há uma preocupação do pesquisador em procurar ouvir os sujeitos. O ouvir para Kilomba (2016) refere-se a uma autorização para quem fala, sendo que no caso das pessoas negras³ a discussão da fala vai de encontro a noção de silenciamento, pois conforme destaca Kilomba (2016, p. 2) “não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes têm sido constantemente silenciadas através de um sistema racista”. Nesse sentido, limites são impostos pela branquitude⁴ a aqueles que foram silenciados, cabendo o questionamento, podemos falar sobre tudo ou somente sobre aquilo que nos é permitido falar?

A impossibilidade de fala e o silenciar emergem como projeto análogo, um projeto entre o sujeito que fala e os seus/suas ouvintes. O ser ouvido é pertencer, pois só pertencem aqueles que são ouvidos (KILOMBA, 2016). Dessa maneira, dentro da pesquisa cabe ao pesquisador encontrar maneiras de ouvir essas vozes, entender sobre o que falam, partindo de um posicionamento que lhe é próprio.

³ Incluso nesse caso os homens gays pretos.

⁴ O conceito de branquitude é utilizado para o estudo da identidade racial branca, dentro de uma estrutura de privilégios simbólicos, subjetivos etc., que contribuem na manutenção da discriminação racial, na relação opressor oprimido, no racismo (BENTO, 2002; FRANKENBERG, 1999). Mesmo a identidade racial branca, não é única, recaindo em diferentes formas de expressão dessa identidade, o que torna complexa sua definição.

Haraway (1995), ao falar da ideia de corporificação, traz o questionamento, sobre quem fala, quem vê, quem pensa, enfatizando que é sempre um sujeito, um corpo entre outros corpos. A autora se apoia metaforicamente na visão (como sistema sensorial), para falar sobre a corporalidade das narrativas científicas,

os "olhos" disponíveis nas ciências tecnológicas modernas acabam com qualquer ideia da visão como passiva; esses artifícios protéticos nos mostram que todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida (HARAWAY, 1995, p. 21-22).

O olhar não parte do nada, o conhecimento é adquirido através de um corpo que se encontra em meio a uma relação de posicionamento e produção de conhecimento. Para Haraway (1995), a ciência deveria ser vista a partir uma determinada localização, delimitada pelo olhar e posicionamento do sujeito e de quem ele dialoga.

Partindo de Mejia (2015), destaco que os sujeitos pesquisados podem ter sua fala acessada pelo pesquisador, não apenas em uma posição de experimentação, mas também de acompanhamento, do teorizar junto, o trabalhar com (...), o viver com (...). Os sujeitos passam a desempenhar papel ativo, passando a participar da interpretação e da leitura. A este tipo de pesquisa o autor chama de pesquisa em colaboração, em que até mesmo os conceitos e as teorias estão sob negociação. Destaca-se na ciência geográfica, trabalhos como o de Silva (2009, 2010), entre outros, que têm se dedicado ao desenvolvimento e utilização deste tipo de metodologia na construção de uma ciência que parte dos sujeitos.

A partir disso, um questionamento que me coloquei, foi o de como buscar esses sujeitos e poder ouvi-los. A internet coloca-se como uma possibilidade, com destaque para as redes sociais, podendo dar um panorama inicial dos perfis desses homens, visto que com um maior acesso à internet, tem-se uma maior presença negra, construindo discussões, conquistando um maior espaço dentro da comunidade, adotando referências estéticas próprias e de estilos de vida, naquilo que foi denominado na internet de geração tombamento (RIBEIRO, 2016). Atualmente vem ocorrendo uma afirmação da ancestralidade negra, com criação e recriação, além de espaços de militância.

Portanto, considero importante acionar primeiramente procedimentos de netnografia para identificar comunidades, interações entre grupos, como uma forma de buscar esses sujeitos.

No campo etnográfico, a netnografia (KOZINET'S, 2014), também chamada de etnografia virtual, procura estudar o comportamento e práticas dos sujeitos dentro da

internet, sendo esta, a interface cotidiana da vida das pessoas e também o local de encontro e formação de grupos, comunidades e de novas formas de sociabilidade (MERCADO, 2012). A partir da netnografia, com levantamento de sites, grupos de discussões relacionados a temática, com uma posterior seleção da comunidade virtual a ser pesquisada, poderia ser realizado uma imersão no grupo, participando de suas atividades até alcançar esses sujeitos e sua materialidade no espaço, possibilitando conhecer suas práticas espaciais. Nesse sentido, uma questão a ser dimensionada, é o acesso que a internet pode permitir a um grupo não necessariamente localizado em uma cidade, mas disperso em múltiplas localizações.

O homem gay preto, lugar de fala e masculinidades

Nesse ponto do texto, trago alguns apontamentos que considero provocações e que podem ajudar a refletir sobre as inquietações que apresentei anteriormente.

Os estudos feministas nos Estados Unidos e Europa, a partir da década de 60, possibilitaram uma ampliação do conceito de gênero possibilitando que as masculinidades e homossexualidades se inserissem como novos campos a serem explorados (OLIVEIRA, 2017).

Quando falamos em masculinidade, dizemos no plural, masculinidades, pois esta pode ser manifestada de diversas maneiras, entretanto, há uma masculinidade hegemônica e cis heterossexual que está em constante manutenção (OLIVEIRA, 2017), uma masculinidade que é frágil, tóxica e muitas vezes violenta (RIBEIRO, 2017).

Fanon (2008), importante teórico dos estudos pós-coloniais, em seu livro *Pele negra, Máscaras brancas*, faz uma abordagem sobre a questão racial, mostrando a relação entre colonizador e colonizado, sendo essas, importantes dimensões para compreender as subjetividades de sujeitos negros e brancos. A constituição dessas subjetividades foi muito influenciada pela opressão colonial, o que no negro resultou em uma autonegação de sua aparência, cor, rejeição de si mesmo, como uma forma de fuga dos estereótipos que eram negativamente associados aos não brancos em uma sociedade ocidental. Isso, segundo Fanon (2008), levaria a um pacto com o branqueamento.

A sociedade brasileira foi construída a partir da voz do homem branco, uma voz hegemônica tida como verdade absoluta. Nesse sentido, a imagem do negro é narrada a partir desse discurso, constituindo um retrato depreciador e limitante de sua história e cultura. Aqui aparecem relações de poder, pois se tem um grupo social que está sendo oprimido, há outro

que se beneficia desse poder (RIBEIRO, 2017). Portanto, para o entendimento deste trabalho é necessário entender a noção de opressão, que se relaciona a dominação exercida por um grupo social visando a manutenção de privilégios sobre um grupo social antagônico (RIBEIRO, 2017).

Oliveira (2017) aponta que dentre as masculinidades consideradas periféricas, ou seja, que não se encaixam dentro do padrão imposto pela norma heterossexual branca de classe média, são apontadas aquelas exercitadas por homossexuais negros, homossexuais pobres, homossexuais idosos, homossexuais gordos, etc.

A partir disso, é possível afirmar que se o ponto de referência sempre foi a masculinidade hegemônica (OLIVEIRA, 2017), coube ao homem negro performar uma masculinidade sempre endurecida e sexualizada, aquele homem que não é vulnerável, que não se machuca, que carrega todos os pesos, etc., em relação ao gay preto sempre lhe é lançado maior estranhamento, sendo o perfil que foge do estereótipo do “gay” que é tolerado, que seria o do homem branco.

O homem negro não é um homem. Como nos lembra Fanon (1983), no imaginário ocidental, um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o emasculava ao mesmo tempo em que o assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. Este imaginário é perceptível no modo como a masculinidade é representada na literatura, cinema, telenovelas, jornais, revistas e propagandas, inclusive nas oficiais. Nelas o temor psíquico do negro macrofálico é retratado através de estereótipos que foram forjados durante longos anos até tornaram-se verdade [...] (SOUZA, 2009, p. 100).

Para hooks (2004), a virilidade, a masculinidade, a hiperssexualização, completam a identidade de homem negro agressivo, incapaz, anti-intelectual, aproximando esse corpo de uma visão falocêntrica, que aprisiona não só homens, mas também mulheres (HOOKS, 2004).

Quanto ao gay preto, o racismo e a masculinidade hegemônica são perversos, moldando-o para que pratique uma autonegação e que se sinta orgulhoso da fetichização e hiperssexualização que são lançadas sobre o seu corpo melaninado (OLIVEIRA, 2017).

A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal (FANON, 2008, p. 109).

Nesse sentido, um questionado suscitado recai sobre o lugar de fala do homem negro Primeiramente cabe dizer que ao trazer o conceito de lugar de fala para o campo da Geografia, um cuidado deve ser tomado, pois “lugar” é uma categoria analítica basilar para a Geografia. Nesse caso o lugar de fala como é conceituado por Ribeiro (2017) e outros autores como Spivak (1985), assemelha-se a noção de local, de onde se fala. Entretanto, com isso não é negado o conceito de lugar, entendido por Massey (2000) numa perspectiva progressista, a partir de relações globais, mas que apresenta particularidades, que estão sempre em disputa, retornando novamente a ideia de poder.

Ribeiro (2017) descreve que sociedade se alicerça a partir de um regime de autorização discursiva, que impede que aqueles que são considerados os outros (não brancos) façam parte desse regime e tenham o mesmo direito a voz, com isso o discurso não é pensando em uma perspectiva ampla e não se discute o poder.

A autora associa o lugar de fala ao lugar social de localização de poder, dentro de uma estrutura ampla e não apenas a partir da vivência ou experiência individual de cada sujeito. (RIBEIRO, 2017).

Trago essa discussão do lugar de fala para o texto, pois discuto acerca do grupo social negro (homens gays pretos), no qual o sujeito ao fazer parte desse grupo, compartilha de experiências em comum uns com os outros, essas experiências acontecem dentro de uma dimensão de dominação, a partir da branquitude, que impede que esses grupos existam em determinados espaços (RIBEIRO, 2017).

Ao falar de poder, Massey (2000) conceitua a noção de “Geometrias do poder”, sendo que diferentes grupos sociais e diferentes indivíduos posicionam-se de formas distintas em relação aos fluxos e interconexões, o que contribui na compreensão de tempo-espço.

Quando pensamos o sentido de lugar, deve-se imaginar todas as relações sociais, todas as ligações entre as pessoas, pois mesmo os sujeitos que me propus a apresentar não se encontram alheios a sociedade, se encontram localizados dentro de uma estrutura de poder (MASSEY, 2000).

o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular (MASSEY, 2000, p 184).

Portanto, essa concepção alternativa e progressista de lugar apresenta o mesmo como não estático, sem fronteiras no sentido de linhas que o demarcam, não possui

identidades únicas, mas sim manifestam poder e se preenchem por conflitos internos, estes argumentos não negam que lugar possa apresentar singularidades (MASSEY, 2000). O lugar só pode ser constituído por meio de sua ligação com outros lugares, demonstrando conexões, atribuindo-o um sentido global, de uma consciência mais ampla (MASSEY, 2000).

Para a reflexão desses sujeitos dentro do campo geográfico, destaco ainda a contribuição de Massey (2008), que compreende o espaço como um produto social, que se produz a partir das inter-relações. No espaço surgem as identidades e as diferenças e ao pautar o racismo, há sempre um grupo que se beneficia dele, nesse caso o espaço é reconhecido enquanto produto das relações de poder, sendo que o poder sempre apresenta uma escala espacial (MASSEY, 2008). O espaço é produzido nas práticas sociais, na construção da sociedade, desde o lugar, o país, até o global. O espaço não é apenas produto, ele também gera novos processos, contribuindo em movimento para sociedade.

Conclusões

No decorrer do presente texto procurei expor reflexões acerca da construção do objeto científico e os desafios de estudar as práticas espaciais e as masculinidades de homens gays negros. Chamo de desafio, visto a complexidade de estudar tais sujeitos em uma sociedade que se estruturou a partir do racismo e da branquitude, no qual foi imposto à população negra um silenciamento e uma autorização seletiva de fala.

Destaco também a intenção de estudar a geograficidade do conceito de lugar de fala, tema recorrente em discussões suscitadas principalmente em rodas de conversa, discussões políticas e textos de outras ciências sociais. Sendo o lugar uma categoria de análise cara a Geografia, um esforço deve ser feito no sentido de identificar aproximações e limitações entre ambos. O lugar de fala relaciona-se a autorização discursiva, enunciando corpos e performances de sujeitos vistos como subalternos. Portanto, manifesta-se relações de poder.

Nesse sentido, se a Geografia se propõe a investigar as relações sociais e suas manifestações no espaço, cabe destacar a importância das metodologias qualitativas e as contribuições das outras ciências sociais, como a Antropologia, que possibilitam privilegiar os sujeitos sociais não os vendo apenas como um componente na relação sociedade natureza, mas como agente que possui um corpo, voz e ação.

Portanto, este texto é uma reflexão, que ao discutir sobre os gays pretos, suas masculinidades e suas práticas espaciais exige do pesquisador uma grande imersão (GEERTZ, 2013), visto a complexidade que realidade apresenta. Por ser uma discussão ainda incipiente, que exige o desenvolvimento das metodologias elencadas para a compreensão desses sujeitos, novos questionamentos serão e devem ser promovidos, novas reflexões serão suscitadas, neste que ainda é um tema pouco investigado e debatido na Geografia.

Referências

- BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I., & BENTO, M. A. S. (Orgs). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 5. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-58.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FRANKENBERG, Ruth **White women, race masters: The social construction of whiteness**. USA: University of Minnesota. 1999.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. – 1.ed. – [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- HARAWAY, D. Saberes Localizados. A questão da ciência para o feminismo e o privilegio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu** (5), 1995, p. 07-41.
- HOOKS, B. **We real cool: Black men and masculinity**. Psychology Press, 2004.
- KILOMBA, G. **Descolonizando o conhecimento**. Instituto Goethe, 2016. Tradução Jéssica Oliveira. Disponível em <http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.
- MARRE, J. A. L. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Cascavel: Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 1991.
- MASSEY, D. **O sentido global do lugar**. In: ARANTES, A. (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.
- MEJIA, R. E. **Etnografia, cartografia e devir: potencialidades da escritura nas pesquisas antropológicas contemporâneas**. In: MANICA, D.; KOFES, S. 2015. **Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Lamparina. p. 90 – 110.
- MERCADO, L. P. Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, p. 15 pgs., 2012.
- OLIVEIRA, M. R. G. de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba, 2017. 190f. Tese. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR, 2017.
- RATTS, A. Entre personas e grupos homossexuais negros e afro-lgttb. BARROS JÚNIOR, F. O. e LIMA, S. O. (Org.). **Homossexualidade sem fronteiras**. Rio de Janeiro-RJ: Booklinks, v. 1, p. 97-118, 2007.

RIBEIRO, R. J. **Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme.** Tempo Social, São Paulo, 11 (1), p. 189 – 195, maio de 1999.

RIBEIRO, S. Meu lacre é poder. **Trip**, São Paulo, 25 jul. 2016. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/stephanie-ribeiro-escreve-sobre-geracao-tombamento-e-afrofuturismo>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, J. M. **Geografias Subversivas:** discurso sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, J. M. **Geografias feministas, sexualidades e corporalidades:** desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. Espaço e cultura, UERJ: RJ, 2010.

SOUZA, R. R. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Forum Identidades**, Ano 3, Vol. 6, pp. 97-115, 2009.

TURRA NETO, N. Pesquisa Qualitativa em Geografia. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos. **Anais...** Belo Horizonte: AGB, 2012, p.1-10.

Sobre o autor – Informações prestadas pelo autor

Possui graduação no curso de Licenciatura em Geografia (2017) e bacharelado em Geografia (2018) pela Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, UNESP. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela mesma instituição e membro do Grupo de Pesquisa Interações na Superfície Terrestre, Água e Atmosfera (GAIA).

Como citar esse artigo

SILVA, Gustavo Henrique Pereira da. Práticas investigativas na ciência geográfica: contribuições para o estudo das masculinidades e práticas espaciais de homens gays pretos. **Revista Geografia em Atos (Geo Atos online)** - Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 109-120, mar, 2020. DOI: 10.35416/geoatos.v1i16.7284

Recebido em: 29-08-2019

Aceito em: 19-01-2020